

Uma mão na Literatura, outra na Imprensa: breve análise do papel das crônicas no *Jornal dos Sports*¹

A hand in Literature, another in the Press: a brief analysis of the role of chronicles in *Jornal dos Sports*

André Alexandre Guimarães COUTO²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Resumo

Este artigo procura discutir a importância que as crônicas passaram a ter para o *Jornal dos Sports* (*JS*) a partir da década de 1940 na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, dividimos nossa análise em quatro partes, sendo a primeira responsável por breves explicações sobre o periódico estudado além do levantamento de questões norteadoras da pesquisa. Em um segundo momento, nos dedicamos sobre as características gerais da crônica e o quanto estas foram bem exploradas pelo *JS*. A seguir, pensamos sobre as nuances específicas do cronismo esportivo, que interage de forma dialética entre a subjetividade autoral e a objetividade de uma imprensa que luta pela consolidação de seu processo de modernização ao longo da metade do século XX. Finalmente, poderemos observar exemplos da produção literária/jornalística de um dos cronistas mais duradouros e famosos do *JS*: Manoel Vargas Netto.

Palavras-chave

Jornal dos Sports; Crônicas esportivas; Manoel Vargas Netto.

Abstract

This article tries to discuss the importance that the chronicles happened to have for *Jornal dos Sports* (*JS*) from the decade of 1940 in the city of Rio de Janeiro. To do so, we divided our analysis into four parts, being the first responsible for brief explanations about the periodical studied besides the survey of questions guiding the research. In a second moment, we dedicated ourselves on the general characteristics of the chronicle and how much these were well explored by the *JS*. Next, we think about the specific nuances of sports chronicle, which interacts dialectically between authorial subjectivity and the objectivity of a press that struggles to consolidate its modernization process throughout the middle of the 20th century. Finally, we can observe examples of the Literary / journalistic production of one of *JS*'s most enduring and famous chroniclers: Manoel Vargas Neto.

Keywords

Jornal dos Sports; Sports chronicles; Manoel Vargas Netto.

RECEBIDO EM 07 DE FEVEREIRO DE 2017
ACEITO EM 28 DE MARÇO DE 2017

¹ Este artigo foi elaborado a partir da tese de Doutorado em História "Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no *Jornal dos Sports* (1950-1958)" defendida em 2016 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a orientação do Prof. Dr. André Mendes Capraro.

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em História Social Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Professor-pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Integrante do Laboratório de História do Esporte e do Lazer (SPORT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (NEFS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: guimaraescouto@yahoo.com.br

Aquecimento ou considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo principal discutir a importância e o papel da crônica para a imprensa esportiva, tendo em vista o interesse posterior em aprofundar a análise deste tipo de fonte no veículo de comunicação carioca, o *Jornal dos Sports* em um período específico da história brasileira, a década de 1950.

Cabe informar ainda que este jornal foi escolhido por agregar, em determinado período de sua trajetória institucional, um grupo de autores que transitaram entre o mundo da organização político-partidária, da estruturação e disciplinarização esportiva formal e do campo literário. Sua escolha, então, não poderia ser aleatória ou injustificada.

No entanto, o aprofundamento da pesquisa, a ser realizado posteriormente, terá como objeto central o estudo e a análise de uma fonte específica no interior do jornal: as crônicas de determinados autores que se constituíam em um grupo seletivo e diferenciado dos demais profissionais do periódico.

Os autores do *JS* criavam e recriavam significativas representações sociais e procuravam ampliar o campo esportivo, além de mapear uma visão de cidade e de sociedade de um ponto de vista bem específico: o olhar do carioca. Os textos, por vezes, exploravam alguns temas como as relações entre indivíduo/nação, localidade/nacionalidade, celebração do esporte/organização esportiva, futebol/demais modalidades esportivas, dentre outras (COUTO, 2013: 2). Uma das grandes características do *JS* e de seus respectivos autores neste período é a ênfase detalhada e exagerada (por vezes), na visão organizativa, disciplinar, clubística e associativista do esporte. A tradição do próprio jornal em querer intervir e disciplinar o campo esportivo nas décadas anteriores, em um período de ausência de instituições democráticas, era ressignificada em uma conjuntura de democracia liberal e pluripartidária e de economia desenvolvimentista, voltada inclusive para a ampliação dos parques industriais (inclusive gráficos). (COUTO, 2013: 2-3).

Todavia, não será neste trabalho que trataremos específica e detalhadamente da análise destas fontes, tanto do ponto de vista do discurso como do seu conteúdo, pois entendemos que, inicialmente, faz-se necessário um olhar mais aprofundado sobre o que compreendemos acerca destas crônicas e o seu importante papel não só na imprensa como

na própria sociedade. Dito isto, façamos uma leve ressalva ao apresentarmos apenas alguns poucos exemplos no quarto tópico, com o intuito de refletirmos acerca de nossas fontes e de seu papel na futura pesquisa.

Antes disso, porém, façamos algumas breves e gerais reflexões sobre este nosso objeto de estudos para tentar responder as seguintes questões: por que consideramos as crônicas como um instrumento revelador de um determinado tipo de discurso sobre e na sociedade? Quais sentimentos podemos captar neste universo midiático que possibilita o conhecimento, mesmo que parcial, sobre a nossa História? Há alguma relação direta entre as características literárias da crônica com a sua vertente esportiva, ou seja, existe uma “cola” entre crônicas e esportes, que enriquecem a consolidação do campo esportivo e, por sua vez, o próprio universo jornalístico?³

Desde já, podemos informar que a escolha das crônicas como um elemento integrador de diferentes discursos, presentes em vários outros veículos comunicativos, como as outras partes do jornal e o rádio, por exemplo, se justifica pelo lugar da possibilidade da análise sobre o processo de criação autoral, do limite entre ficção/realidade, mundo literário/jornalístico, dentre outros diálogos possíveis.

Desta forma, este texto possibilitará compreender um pouco mais sobre o que é uma crônica, sua relação entre autor e realidade, sua inclusão em um mundo literário e, no caso específico da minha pesquisa, também na esfera jornalística.

Para tanto, vamos discutir um pouco mais sobre a crônica, a partir de uma conceituação mais ampla, sob a luz de alguns estudos literários como, por exemplo, o de Antonio Candido⁴. Posteriormente, podemos relacionar a crônica e o campo esportivo por meio da discussão sobre esta forma específica da expressão jornalística e comunicativa.

³ Estamos utilizando neste trabalho, e na própria pesquisa, o conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu. Para este autor, os esportes, assim como em outras áreas, passou a se constituir em um campo de práticas específicas, dotado de lutas e regras próprias e do investimento peculiar de determinadas competências. Ver em BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 e, em especial, o capítulo “Como é possível ser esportivo?”. Apesar do uso deste conceito, dentre outros de Bourdieu, devemos, ao analisar e historicizar as nossas fontes, ter a cautela de perceber o limite de autonomização do campo esportivo em relação ao meio político, econômico e até mesmo, religioso, em que se encontra.

⁴ CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. E também: CANDIDO, Antonio et al. *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Quero, 2000.

Portanto, acreditamos que possamos avançar no debate sobre o papel da imprensa esportiva em nossa sociedade, que vem sendo recuperado por vários pesquisadores. Porém, poucos historiadores têm se detido sobre a análise destes discursos e, principalmente, destas representações que são criadas em torno dos esportes e, por consequência, da própria sociedade.⁵

Primeiro Tempo: sobre a Crônica

Não pretendemos esgotar a discussão mais teórica acerca da crônica, pois não teríamos espaço necessário para tanto em um breve ensaio. O objetivo aqui é apenas traçar alguns elementos característicos deste gênero literário e narrativo que possam nos alertar sobre a necessidade de reflexão posterior acerca de nossas fontes.

Para iniciarmos a análise sobre a crônica, como já antecipamos, vamos utilizar principalmente as orientações teóricas de Antonio Candido (1992 e 2000). Este autor dialoga com as possibilidades que este gênero literário propõe em duas grandes obras, que se tornaram clássicas para os estudos literários e já citadas na nota 2 deste trabalho.

Todavia, apesar da importância deste gênero, alerta que por muitas vezes, a crônica era considerada uma forma menor de interpretação literária. Aqui, cabe uma tripla reflexão: “menor” significa dizer não só no seu tamanho espacial, mas em termos de conteúdo/tema e, até mesmo, de importância literária também. Como o tamanho é a dimensão mais óbvia para a análise preliminar das crônicas, cabe apenas pensar que a mensagem é dita de forma rápida e objetiva, sem ocupar muitas linhas no veículo em que é publicada.

Vamos nos preocupar com a segunda dimensão. Antonio Candido analisa a crônica como uma peça interpretativa de enxergar a sociedade sobre determinadas escalas de visão. De acordo com este autor, o cronista “(...) Portanto, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. É amiga da verdade e da poesia (...)” (CANDIDO, 1992: 14).

A crônica, de acordo com a análise de Candido, pode, de forma lírica e lúdica, ampliar determinado ponto de vista e/ou determinado fato em

⁵ Cabe sempre lembrar que a historiografia clássica sobre imprensa não dedica muito espaço de análise para o campo dos esportes, como a obra de SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. E também a: 4. ed. Mauad, 1999. Este fenômeno, inclusive, é compartilhado por autores especialistas e mais contemporâneos como BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

algo relevante e de interesse de um público leitor mais amplo (COUTO, 2013: 4-5). De acordo com Couto,

A crônica pode ser considerada, então, uma microscopia da sociedade em questão, procurando no minúsculo, no personagem (fictício ou real), uma identidade cultural individual que se reflete em um todo, em uma conjuntura mais dinâmica e dialética da qual possamos compreender um pouco mais as instituições e as relações sociais existentes e, dependendo do aprofundamento da análise, até mesmo das redes que se estabelecem entre elas. (COUTO, 2013: 5).

Apesar de concordarmos com esta ideia de ampliação dos efeitos de sentido que uma crônica pode alcançar em seu leitor/enunciário, por vezes encontramos uma interpretação deste objeto de pesquisa da qual discordamos como, por exemplo, o trabalho de Paulo Eduardo de Freitas (2004).

Freitas, ao discorrer sobre a importância de se estudar a crônica como um gênero específico dos estudos literários, informa equivocadamente que “Na primeira acepção, a crônica assume o papel de registrar os fatos reais. Sendo assim, a crônica pode ser considerada uma forma preliminar da historiografia moderna”. (FREITAS, 2004). Ou seja, o fato da crônica ter surgido como um elemento de se pensar o cotidiano das ações em determinadas sociedades, é interpretado pelo autor como uma forma de se construir a própria disciplina histórica. Em nossa visão, é um erro clássico ao não se compreender o próprio papel da historiografia moderna que necessita trabalhar a crônica ou qualquer outro documento como fonte e não como transcrição exata do real. O trabalho de pesquisa com estes documentos, obviamente, necessita de cuidados metodológicos como considerar a crônica, por exemplo, um dos discursos possíveis em determinada conjuntura histórica, principalmente por ser um instrumento de descoberta das intersubjetividades presentes em sociedades específicas.

Na tentativa de discutirmos estas interrelações entre História e Literatura nos apropriamos da obra de dois importantes historiadores, Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998). Como uma pesquisa que se propõe a analisar as fontes como testemunho da História, nossa visão, aproximando-se dos autores supracitados visa uma perspectiva materialista de tratamento com as obras literárias, sem,

todavia, considerar as intersubjetividades e os sentimentos, autorais e coletivos, presentes nas mesmas.

Com isto, podemos vislumbrar as crônicas como fonte material e histórica sem perder de vista a visão ou o conteúdo subjetivo das mesmas. Nos parece, entretanto, que Chalhoub e Pereira fazem questão de “pesar a mão” na primeira assertiva, contrariando as interpretações mais vinculadas ao campo da Literatura, como a de Freitas (já citado). Todavia, levam em conta, de forma mais branda, porém coerente, o aspecto subjetivo de uma obra de arte, conforme podemos observar logo abaixo:

(...) a questão central não é o caráter manifestamente ficcional ou não de determinado testemunho histórico, mas a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Assim, por exemplo, ao historiador resta descobrir e detalhar com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa a si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a lógica social do texto. (CHALHOUB e PEREIRA, 1998: 8).

A lógica social do texto, de acordo com estes autores, é algo a ser percebido pelos historiadores, independente do tipo de fonte com a qual estejamos lidando. Sobre as fontes literárias, devemos interrogar quais características e especificidades deste gênero estamos discutindo. Dentre estas, podemos acrescentar também que a interpretação autoral destas obras não pode ser desprezada. Se para Chalhoub e Pereira “Autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, (e) valem pelo que expressam aos contemporâneos”, o que obviamente concordamos, não devemos omitir a dimensão artística e até mesmo estética de uma determinada obra e seus respectivos autores (CHALHOUB e PEREIRA, 1998: 9). Enfim, o entendimento mais amplo deste discurso narrativo permite muito mais aproximações na construção de uma pesquisa científica e acadêmica, do que possíveis afastamentos. É preciso, portanto, mergulhar nos estudos literários para compreender as nossas fontes e autores, sem tornar a construção do texto histórico um fardo exclusivamente estético e pós-moderno.

Para tanto, ficamos com Candido, nossa principal referência neste breve trabalho, pois nos situa de acordo com a necessidade de tornar a crônica uma obra de seu tempo, produto das representações sociais criadas por homens que atuavam entre a literatura e a imprensa:

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem. De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2000: 13-14).

Desta forma, propomos situar a crônica a partir desta visão dialética entre texto e contexto, entre meio interno e externo, conceitos arduamente trabalhados pelo autor citado acima. Esta relação estabelece uma forma de enxergar a crônica como produto de sua contemporaneidade sem lançar mão da análise subjetiva do autor.

Voltando a nossa atenção para a análise da crônica, percebemos também que a mesma, de acordo com Freitas, sugere que neste gênero literário, a narrativa é permeada pela união de dois tipos de texto: o ensaio e o folhetim:

Na crônica brasileira, pode-se cogitar que ocorre uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, do qual retoma um certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados, e o folhetim de onde absorve a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos por esta forma literária. Essa mescla ratifica a identidade da crônica brasileira, como espaço heterogêneo. (FREITAS, 2004 e 2012: 1).

A identidade da crônica, então, para nós, assume aqui mais uma característica muito importante para a nossa análise: a heterogeneidade. Não só em diversidade de temas e discussões da realidade pensada, mas também na pluralidade de diálogos com o leitor. O rigor acadêmico, mais do que ser desprezado, é desconstruído por uma conversa mais leve, objetiva e direta porque a crônica tem um tempo que não o é dos tratados ou mesmo dos discursos científicos e eruditos. Estes podem continuar existindo, de alguma forma intertextual no mundo das crônicas, mas são reescritos por um meio de comunicação que pretende alcançar um público cada vez maior de leitores, em se tratando de uma sociedade de massas.

Desta forma, não podemos pensar este gênero literário sem dissociá-lo com o veículo que o carrega e que o compõe: a imprensa. A crônica tende a ser ampliada para um universo do qual o livro, por exemplo, não o alcança por completo. Por outro lado, o jornal possui em seu conteúdo, outras formas de comunicação diferentes da crônica, como: a manchete, a notícia, a carta do leitor, as imagens. Assim como o próprio jornal ou revista torna-se heterogêneo, a crônica por sua vez também percorre este mesmo caminho. Todavia, o caráter folhetinesco da crônica, ou ficcional (termo que preferimos por ser conceitualmente mais apropriado), revela uma informação bem interessante: o cronista, em muitas ocasiões, vinha de uma formação erudita, mesmo que criada na prática. O espaço do jornal/revista que era destinado para a crônica era ocupado por pessoas já consagradas no meio literário ou em franco caminho para tanto.

Característica ensaísta e erudição literária são combinações que, a princípio parecem contraditórias, mas que encontram na crônica uma força narrativa interessante e peculiar. Uma união que se consolidara nas páginas de periódicos de algumas principais cidades brasileiras desde o

século XIX e das quais poderíamos citar nomes como Machado de Assis e José de Alencar, como exemplos.⁶

Apesar disto, cabe refletir que apesar da presença de vários literatos nos jornais escrevendo crônicas, esta não é, a princípio, uma condição *sine qua non*. O cronista não se torna erudito ou um literato respeitável, apenas pelo fato de ser um escritor. Por outro lado, vários destes homens escreviam crônicas com dois principais objetivos: a popularização e reconhecimento como autor e, também, uma forma mais ágil de adquirir recursos financeiros. No início deste item, apresentamos a crônica como um elemento menor em termos de importância literária, de acordo, é claro, com os padrões academicistas da institucionalização da literatura enquanto obra de arte. Apesar de discordar desta visão, alguns cronistas/literatos ganharam destaque nos jornais da época, ou seja, a partir da segunda metade do século XIX até os dias mais atuais. Tal fato ocorria muito mais por conta do contato quase diário com seus leitores do que, muitas das vezes, pelo reconhecimento acadêmico.

Esta questão está mais associada com a escolha dos temas a serem discutidos pelos cronistas e que são geralmente simplificados por estes autores, conforme Candido nos avisa:

(...) a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente... (CANDIDO, 1992: 20).

Espontaneidade e lirismo também são duas características definidoras deste gênero literário. O tom de uma "conversa fiada", "papo de bar" ou "papo furado" podem ser algumas expressões que nos auxiliam a imaginar um lugar específico da crônica no mundo das palavras. A oralidade também pode ser considerada como um integrante definidor deste tipo de narrativa, sendo invariavelmente utilizada como uma linguagem mais coloquial, voltada para o discurso oral, mas aplicado na escrita.

⁶ Nesta linha, cabe citar mais uma vez o importante trabalho organizado por Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *A História Contada*, que se propõe a estudar relação entre História e Literatura. Ver especialmente o estudo sobre as crônicas de Machado de Assis chamado "A Língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da História", assinado por Lúcia Granja. p. 67-94.

A escolha por situações simples do cotidiano, merecedoras da atenção do cronista, pode ser interpretada simultaneamente como uma capacidade ímpar do escritor de perceber no simples, possibilidades subjetivas e autorais de exercitar suas capacidades literárias, assim como aplicar a sensibilidade presente na relação entre a observação e a criação. Temos, então, uma dupla orientação para a análise da crônica: as fontes do autor estão bem próximas de todos nós. A realidade se funde com a ficção. Os personagens e lugares citados e principalmente as histórias suscitadas por eles estão, muitas das vezes, próximos do mundo real e poderiam ser observados por qualquer um de nós, mas que muitas das vezes passam despercebidos ou são considerados óbvios demais para uma análise mais crítica, social ou macro. O que torna, então, a crônica, então um gênero tão distinto? Um conjunto de características específicas, mas que ousamos aqui discutir apenas algumas.

É preciso, agora, tentar entender como a crônica esportiva utilizou várias destas características e acrescentando também alguns elementos específicos do campo esportivo.

Segundo Tempo: sobre a Crônica Esportiva

Durante muitos anos e até os dias de hoje, os estudos sobre esportes foram alvo de certo preconceito acadêmico por ser um tema menos importante do que as estruturas mais amplas que a política e a economia poderiam proporcionar para os pesquisadores. Felizmente, estudos mais recentes, a partir do final do século XX têm apontado a necessidade de conhecermos um pouco mais a realidade social em que homens e mulheres viveram, por meio de uma série de questionamentos que o estudo clássico de uma História mais macro não poderia, em essência, responder.

Desta forma, a nova história cultural, a história das mentalidades e a micro história possibilitaram uma revolução no fazer História na medida em que discute uma ampliação nos domínios desta disciplina, além de propor um arsenal metodológico mais apurado e específico para cada fonte que o historiador venha a utilizar em seus trabalhos.

O estudo da história dos esportes também se insere nesta perspectiva de percorrer uma análise social e histórica das relações e redes mais amplas da sociedade, além de possibilitar a problematização de fontes pouco exploradas, como as crônicas esportivas, por exemplo.

Portanto, a nossa proposta visa utilizar a narrativa destas obras como fonte de análise de um importante discurso que procurava re(criar)

representações sociais baseadas no campo esportivo, principalmente no mundo do futebol. A leitura da sociedade por meio dos esportes não pode ser realizada fora da conjuntura histórica mais ampla. Obviamente a parte, também é importante refletir sobre como estes discursos são compreendidos a luz de seu tempo, de sua forma narrativa e de suas análises autorais e subjetivas.

Ao tentarmos entender a relação entre as letras e os esportes, percebemos que desde o século XIX, as práticas corporais, de lazer e esportivas tinham seus espaços nas páginas de livros e periódicos. No início do século XX e com a consolidação das práticas esportivas nos grandes centros urbanos do Brasil, principalmente por conta da criação/organização/disciplinarização das associações ligadas ao esporte, os jornais passam a dar mais espaço e tempo para a publicação das histórias e notícias ligadas ao esporte (MELO, 1999).⁷

A partir da afirmação de uma civilidade moderna e de uma busca pela identidade nacional por meio do futebol, as crônicas se tornaram um elemento muito importante nesta construção narrativa que ganhava força em sua vertente esportiva. Ou seja, ao tentar cunhar um padrão narrativo para além da descrição dos jogos e das informações mais gerais sobre o jogo, as crônicas construíam um universo literário para além da descrição, deslocando o eixo das questões tratadas sobre o esporte na criação de personagens e situações que beiravam dois universos: o ficcional e o real.

Por que, então tratamos a crônica esportiva neste trabalho de forma diferenciada? Ou melhor, o que torna este tipo de crônica tão diferente das demais? Na verdade, a sua estrutura enquanto gênero literário nos remete ao item anterior. Todavia, podemos pensar que a crônica esportiva lida com paixões identitárias diversas como as nacionais, locais, individuais e urbanas, por exemplo (COUTO, 2011 e 2013: 11). Lembramos ainda de como as rivalidades e aproximações destas paixões eram pautas de crônicas e de debates entre os próprios cronistas. Para Couto,

(...) não podemos compreender o desenvolvimento deste gênero e tipo literário, a crônica esportiva, apenas do ponto de vista das mudanças discursivas de determinado período histórico, mas também em um contexto de desenvolvimento de uma indústria cultural de massas. Não uma qualquer, mas a que pudesse

⁷ MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1999. Especialmente o capítulo que trata da relação entre esportes e imprensa.

agregar em seu discurso a interação entre observação e apoio ao fenômeno esportivo que batia a porta dos jornais. (COUTO, 2013: 11).

As crônicas esportivas, então, a partir de determinado período da história da imprensa brasileira, no caso, a década de 1940, ganham mais espaços e tornam-se aliadas, nos jornais, das análises mais técnicas e objetivas, juntamente com as imagens (COUTO, 2011).⁸ Obviamente que deixamos a ingenuidade de lado e afirmamos que esta característica inventiva e ficcional estava presente em todo o periódico. No entanto, a crônica era o espaço apropriado para tanto, pois contava com autores que já transitavam no meio literário, além de pertencerem ao meio político e organizativo do esporte.

Já na década de 1950, com o avanço de políticas públicas e privadas para modernizar a indústria brasileira, sob a égide de um capitalismo tardio, o campo jornalístico ganhou novas cores e nuances provenientes da necessidade de ampliação de seu mercado consumidor. A própria formação do profissional de imprensa se tornou uma preocupação e uma tendência a partir da criação de cursos universitários voltados para dar conta desta plena consolidação do campo.

No entanto, de acordo com Marialva Barbosa, procurava-se cada vez mais ampliar a atuação dos profissionais da comunicação impressa pelo distanciamento da narrativa literária (BARBOSA, 2007: 149-173). A modernidade presente no *slogan* do governo JK, por exemplo, "50 anos em 5", casava com o discurso, criado pelo próprio campo jornalístico, de uma imprensa mais objetiva e neutra. Para esta autora: "Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre conseguir poder" (BARBOSA, 2007: 153). Mesmo que saibamos que ainda hoje cria-se uma ilusão de que a imprensa é o lugar da objetividade e da neutralidade, percebemos a partir da década de 1950 um esforço de estabelecer a imprensa como portadora de um discurso (in)formativo e afastado do mundo das emoções e sentimentos.

Neste vácuo de aceitação dos textos mais subjetivos, a crônica esportiva é entendida, dentre outros lugares da imprensa, como o local privilegiado para o exercício da experimentação narrativa e simbólica da sociedade moderna. Modernidade não só pelas técnicas literárias em

⁸ Informamos que esta periodização é do autor em questão, a partir de um trabalho comparativo com alguns jornais de grande circulação em períodos anteriores à década de 1940.

ebulição desde o início do século XX (SUSSEKIND, 1987), mas também pelo próprio conteúdo de que tratava: os esportes.

Mais do que um paradoxo, portanto, percebemos a crônica esportiva como elemento de uma dualidade, ao entendemos que ela transitava entre o moderno, mas com uma larga tendência à aproximação com o ficcional. Enquanto o discurso jornalístico visava o afastamento, a imprensa esportiva ganhava força com o papel de aproximação da narrativa simbólica e criativa das crônicas. Ser moderno, nas crônicas, era criar cada vez mais personagens fictícios e identificados com a própria sociedade, separando, mas aproximando simultaneamente os universos da ficção e da realidade.

Todavia, o poder em ambas as interpretações de jornalismo se fazia presente seja na forma de angariar mais e mais audiência do que era publicado, mas também de avançar na interpretação de um mundo e de uma sociedade em particular: trata-se da visão da imprensa. Em ambos os casos, no momento histórico em que o Brasil corria contra a “desvantagem do atraso”, ser moderno era, para cada um dos lados da imprensa, ter o poder da linguagem, seja mais fria, objetiva e neutra, de acordo com a interpretação mítica da chamada grande imprensa, seja de forma mais emotiva, ficcional e interpretativa, como a crônica esportiva costumava revelar.

Portanto, a relação que as crônicas tinham com o jornalismo esportivo levava em conta a proximidade com a capacidade de debater e se apropriar das emoções e sentimentos presentes nos esportes. Pelo trabalho de Capraro, podemos entender que:

Além da reflexão sobre identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, transbordando sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo, encontrarmos literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo, com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez, ou não, da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo de pátria); e depois com o debate acerca da espetacularização do esporte (o cronista nostálgico versus o futurista). (CAPRARO, 2007: 42).

As emoções, paixões e sentimentos dos esportes não só se tornavam uma pauta privilegiada para a construção de textos pelos cronistas, mas também possibilitavam aproximar ainda mais a relação intersubjetiva entre autor e leitor (COUTO, 2013: 11).

Em resumo, ao pretendermos estudar a crônica (esportiva) devemos levar em conta não só as suas respectivas características, mas também as suas devidas possibilidades. À guisa de conclusão, podemos destacar, dentre outras, a ligação direta com a vida cotidiana; a narrativa informal e intimista; o uso da oralidade na escrita e a linguagem coloquial; a sensibilidade no contato com a realidade; a capacidade de síntese; a observação microscópica; o exercício da criatividade a partir de um fato específico; grandes doses de lirismo (por vezes de poesia, por muitas, de licença poética); relação entre ensaio e o folhetim; leveza, clareza e objetividade; relação entre "texto sério" e "conversa fiada"; frequência do humor na escrita etc.

Além de todas estas informações, a crônica esportiva desloca o mundo das paixões e dos sentimentos para o campo da racionalidade jornalística. Tal dado, porém, se justifica no âmbito de um mundo de rápida transformação e de ampla discussão sobre a sociedade moderna.

Prorrogação: brevíssima análise de fontes

Como o objetivo único de apresentar um modelo de fonte e de respectiva possibilidade de análise para o nosso trabalho, apresentamos três fontes a serem tratadas por aqui. Ambas são escritas por Manoel Vargas Netto, que era sobrinho do presidente Getúlio Vargas, além de cronista do *Jornal dos Sports*, poeta, deputado federal e presidente da Federação Metropolitana de Futebol, importante instituição de organização do futebol carioca. Temos, então, o primeiro exemplo:

Controle Médico

Os rapazes que jogam football quando sofrem qualquer restrição do médico, entendem que é perseguição ou má vontade do clínico. Em vez de agradecer ao médico pelo cuidadoso exame feito, o jogador, recusado ou posto em quarentena, revolta-se, fica zangado com o facultativo, como se este fosse o culpado das enfermidades ou deficiências físicas que outros apresentem.

Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira, que o atleta jogou sempre, e nunca sentiu nada!

Muitos até insistem na prática desaconselhada deste ou daquele esporte.

Um dia a casa cai...

Quando o médico acusa um defeito é porque o encontrou. E se o encontrou é porque prestou boa atenção ao exame, teve zelo, e por isso só pode ser elogiado. O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo.

Agora no Rio Grande do Sul aconteceu um fato sobre o qual devem meditar todos os atletas.

Um rapaz de vinte e dois anos, forte, entusiasta, que era dianteiro de um clube de Osório, morreu em pleno impulso de um lance esportivo. Apoderou-se da bola, driblou toda a defesa adversária, e quando entrou na área do goal, sozinho, frente a frente com o keeper sem defesa, e todos esperavam o goal, o dianteiro caiu morto, fulminado por um ataque cardíaco.

Se esse rapaz se sujeitasse a controle médico e o obedecesse, talvez, estivesse vivo até hoje, ou quem sabe, até muitos anos.

O controle médico é uma necessidade para o desportista. (VARGAS NETTO, 04/05/1947: 7).

O cientificismo presente no texto de Vargas Netto, ao tratar o tema sobre a prevenção e o cuidado com a saúde que os atletas deveriam ter, é escrito com toques ficcionais, pois a personagem principal da história, o atacante de Osório, por ser muito habilidoso, conseguira driblar tudo e todos, não encontrando barreiras para o seu avanço e o seu objetivo final: marcar o gol. Todavia, apesar disto, não conseguira driblar o principal e mais temido dos adversários: a morte. Para tanto, era necessário cuidar da saúde e ter como aliados os médicos e agentes de saúde, demonstrando subliminarmente que futebol, apesar da habilidade individual, é um jogo de equipe, dentro e fora de campo.

Vargas Netto conseguia escrever sobre um tema mais “duro” e “difícil”, por vezes “árido”, com ideias criativas e que pudessem ser narradas chamando a atenção do leitor. Aqui cabe informar que mesmo que o fato fosse verídico, ainda assim, destacava-se a capacidade ficcional da narrativa do cronista. Olhava-se, então, para o real, porém com um pé na ficção. Neste caso, cabe lembrar que o cronista destaca uma profunda preocupação com o mundo do futebol que ainda caminhava torto em relação à organização profissional do esporte.

Mediar o real e o ficcional era uma tarefa difícil e destinada aos cronistas. Quando um time de grande torcida não fazia um bom papel nos gramados, a crítica ao desempenho dos atletas era inevitável. Todavia, era preciso mediar a crítica, pois a fraca atuação da equipe poderia ocasionar uma diminuição nas vendas do jornal. Portanto, destacamos a seguinte crônica, também de Vargas Netto:

Eu não vejo motivo para tanto espalhafato e pessimismo só porque o Flamengo não está jogando todo o jogo de que é capaz. Interessante é verificar que os flamengos estão quietos. Quem reclama é justamente a turma adversária do Flamengo, como se tivesse vontade que o rubro-negro vencesse, ou como se de fato ficasse aborrecida com os insucessos.

Esse clamor é para “atucanar” o pessoal da Gavea, para fazê-lo perder a fleugma, uma coisa aliás muito necessária no esporte ou fora dele. No fundo da intenção há uma boa dose de ironia e de gozo.

Como diz o velho cabloco mineiro: “não vão assim no pio do macuco que pode haver onça!”...

O Torneio Municipal está funcionando como torneio de preparação. As equipes estão recuperando a forma. Ninguém precisa desesperar por uma performance má, quando ainda existe tempo de recuperação.

Depois é preciso pensar que esporte é disputa, é cotejo, e que tem as duas faces: perder e ganhar...

Quando o Flamengo representou a cidade enfrentando o bicampeão paulista, saiu-se muito bem, pois empatou e podia ter vencido, porque vencendo esteve até quase o fim da partida. E fez uma boa exibição, mesmo desfalcado, ou talvez por isso, porque se cuidou mais e não teve complexos de superioridade.

Fecha os ouvidos e abre os olhos, Ernesto!

É preciso calma e olho vivo!

O Zé Lins me disse que estava confiante. É bom sinal, porque ele é um pouco pessimista.

Não se impressionem com essas derrotas inesperadas, mas sem consequências maiores.

O Flamengo ainda pode perder mais e vir a ser campeão. Uma coisa não tem nada com a outra.

Por exemplo: agora o Flamengo vai ao Sul, jogar em Porto Alegre. Dá uma surra no Grêmio e leva outra do Internacional. Pode até ser uma goleada. Não tem a menor importância...

Depois, pode ser campeão carioca! (VARGAS NETTO, 07/05/1947: 4).

Ao terminarmos de ler a crônica acima temos a nítida sensação de otimismo e de boas expectativas em relação ao desempenho do Flamengo no restante do ano esportivo. O cronista consegue discutir a realidade, por meio de uma narrativa eivada de valores emocionais e de ditos populares, como, por exemplo, de que o melhor ainda viria para a torcida do time rubro-negro carioca. Temos uma tentativa de criar um panorama ficcional a partir de uma realidade bem diferente, já que se um time pode recuperar o bom desempenho ao longo de uma temporada, também é

verdade que o fator emocional conta e muito em qualquer equipe esportiva, principalmente uma profissional.

Outro fator deve ser considerado, pois, ao longo da administração Mário Filho a frente do *Jornal dos Sports*, Flamengo e Fluminense teriam vantagens e privilégios na cobertura jornalística, por conta dos laços e redes sociais estabelecidas por este editor com as famílias ligadas aos dois clubes. Tal cobertura era feita, todavia, de forma que os demais clubes não fossem desfavorecidos ou deixados de lado. Havia espaço para todos nas páginas cor-de-rosa do jornal. Por fim, o jornal não poderia, sob a pena de perder leitores, desanimar os torcedores de qualquer time grande da capital.

Percebemos que Vargas Netto e o próprio *JS* criavam, por meio das crônicas e das próprias notícias, um mundo a parte, na fronteira da realidade com a ficção, não pelo simples desejo de furar o fato real, mas pela necessidade de construir representações sociais e culturais que pudessem continuar alavancando o interesse pelos esportes. Mais do que uma mediação, o *JS* e seus cronistas exercitavam, diariamente, o seu poder de persuasão e de intervenção na sociedade carioca e brasileira.

O futebol, então, era uma matéria-prima valiosa para esta missão institucional do jornal, por ser o esporte de maior interesse na sociedade brasileira, assim como ser um campo de criação de um grande imaginário social e de interpretações da realidade que possibilitavam a criação de mitos, heróis, vilões, epopeias e boas histórias esportivas e, acima de tudo, humanas.

Referências

- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa:** Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- CANDIDO, Antonio et al. **Literatura e Sociedade** – estudos de teoria e história literária. São Paulo: Queroz, 2000.
- CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas:** Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História.
- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo A. M. (Orgs.). **A História Contada:** capítulos de história social na literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1998.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes:** a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Crônica para Quem?** Relações (Inter)Subjetivas e Uso/Abuso dos Sentimentos na Imprensa Esportiva (1950-1958). Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364780583_ARQUIVO_TrabalhoenviadoparaANPUH2013.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2015.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas Esportivos em Campo:** Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Curitiba: UFPR, 2016. Tese de Doutorado em História.

FREITAS, Paulo Eduardo. **Faces de um Eu Enunciador.** Belo Horizonte: PUCMINAS, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras.

FREITAS, Paulo Eduardo. **A Crônica:** sua trajetória, suas marcas. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte Brasil – Panorama e Perspectivas.** IBRASA, 1999.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura. Trabalho apresentado no **V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM.** Disponível em:

<www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2008.

MARQUES, José Carlos. Todo dia ela sempre faz tudo igual (O texto literário e a crônica na imprensa esportiva brasileira). Trabalho apresentado no **XXVII Congresso Brasileiro da INTERCOM.** Porto Alegre: PUC/RS, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. 2ª edição. Mauad, 1999. 4. ed.

SUSSEKIND, Flora. **O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VARGAS NETTO. Controle Médico. *In: Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, nº 5.429, 04/05/1947. p. 7.

VARGAS NETTO. Gangorra da Técnica... *In: Jornal dos Sports.* Rio de Janeiro, nº 5.431, 07/05/1947. p. 4.

